

ITÁLIA E BRASIL: PARALELISMO EM TRADUÇÃO LITERÁRIA?

ITALY AND BRAZIL: PARALLELISM IN LITERARY TRANSLATION?



Stella Rivello da Silva DAL PONT*
Instituto Federal de Santa Catarina

Andréia GUERINI**
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Ao tomar como base os artigos “La traduzione in Brasile negli ultimi trent’anni. Breve storia e tendenze” (2003) e “Breve estudo sobre a literatura brasileira na Itália: traduções entre 1882 e 1996” (2007), o objetivo deste artigo é traçar um paralelo nas relações de trocas culturais entre a Itália e o Brasil a partir da circulação de traduções literárias em ambos os países no período de 1977 a 2007. A partir dos dados fornecidos pelo *Index Translationum* da UNESCO e guiadas pela teoria dos polissistemas de Even-Zohar, pretende-se verificar que tipo de literatura circula nos dois países. Os resultados indicam assimetrias, confirmando a tendência de culturas mais jovens importarem mais textos traduzidos.

Palavras-chave: Brasil. Itália. Teoria dos polissistemas. Tradução literária. História da tradução.

Abstract: Based on the articles “La traduzione in Brasile negli ultimi trent’anni: Breve storia e tendenze” (2003) and “Breve estudo sobre a literatura brasileira na Itália: traduções entre 1882 e 1996” (2007), the objective of this study was to draw parallels between the cultural exchange occurring in Italy and Brazil according to the circulation of literary translations in each country between 1977 to 2007. Based on data from UNESCO’s *Index Translationum* and guided by Even-Zohar’s polysystem theory, an analysis was made of the types of literature that circulated in the two countries. The resulting asymmetries confirmed the tendency for younger cultures to import more translated texts.

Keywords: Brazil. Italy. Polysitem theory. Literary translation. History of translation.

1. Introdução

Antiga relação entre Brasil e Itália nos instigou a verificar como aconteceram algumas trocas culturais, mais especificamente aquelas ligadas à tradução de textos literários no período de 1977-2007, através das obras italianas traduzidas no Brasil e das obras brasileiras traduzidas na Itália à luz da teoria dos polissistemas, desenvolvida por Even-Zohar. A principal fonte de pesquisa deste artigo é o *Index Translationum*, base de dados da UNESCO, que cataloga publicações traduzidas nos mais de cem países membros da organização. O recorte temporal proposto justifica-se pela disponibilização online do *Index*, que se inicia ao final da década de setenta e cessa em 2008. Além disso, este artigo pretende ampliar as discussões feitas por Andréia Guerini em “La traduzione in Brasile negli ultimi

trent'anni. Breve storia e tendenze” (2003) e Carolina Torquato em “Breve estudo sobre a literatura brasileira na Itália: traduções entre 1882 e 1996” (2007).

2. Brasil-Itália: trocas em tradução

Para o mapeamento de nosso *corpus* utilizamos as nove classificações estabelecidas pelo próprio *Index Translationum*, a saber: Generalidades e Bibliografia; Filosofia e Psicologia; Religião e Teologia; Direito, Ciências Sociais e Educação; Ciências Naturais e Exatas; Ciências Aplicadas; Artes, Jogos e Esporte; Literatura; História, Geografia e Biografia. No entanto, para este artigo, privilegiamos a classificação intitulada “Literatura”. O *Index* apresenta os resultados na seguinte ordem: Nome do autor; Título do livro traduzido; Nome do tradutor; Cidade de publicação; Editora; Ano de publicação; Número de páginas; Título original. Nem sempre são apresentados os campos completos e, nesse sentido, buscamos apoio nas fontes secundárias como o site da Biblioteca Nacional para obras traduzidas em português e o *Servizio Bibliotecario Nazionale* para obras traduzidas em italiano. Do *corpus* emergiram 2556 obras, das quais 2000 são obras italianas traduzidas no Brasil e 556 obras brasileiras traduzidas na Itália, conforme mostram os quadros a seguir:

34

Obras brasileiras traduzidas na Itália (1977-2007)

Classificação <i>Index Translationum</i>	Número de obras	Percentual
1. LITERATURA	401	71%
2. RELIGIÃO E TEOLOGIA	92	16,3%
3. DIREITO, CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO	23	4,1%
4. FILOSOFIA E PSICOLOGIA	20	3,5%
5. HISTÓRIA, GEOGRAFIA E BIOGRAFIA	18	3,2%
6. ARTES, JOGOS E ESPORTES	9	1,6%
7. CIÊNCIAS APLICADAS	2	0,4%
8. CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS EXATAS	0	0,0%
9. GENERALIDADES E BIBLIOGRAFIA	0	0,0%
TOTALIZAÇÃO	565	100%

Fonte: *Index Translationum* atualizado com dados das bibliotecas nacionais do Brasil e da Itália

Obras italianas traduzidas no Brasil (1977-2007)

Classificação <i>Index Translationum</i>	Número de obras	Percentual
1. LITERATURA	676	33,8%
2. RELIGIÃO E TEOLOGIA	640	32%
3. DIREITO, CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO	221	11,1%
4. FILOSOFIA E PSICOLOGIA	173	8,7%
5. HISTÓRIA, GEOGRAFIA E BIOGRAFIA	112	5,6%
6. CIÊNCIAS APLICADAS	77	3,9%
7. ARTES, JOGOS E ESPORTES	67	3,4%
8. CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS EXATAS	29	1,5%
9. GENERALIDADES E BIBLIOGRAFIA	5	0,2%
TOTALIZAÇÃO	2.000	100%

Fonte: *Index Translationum* atualizado com dados das bibliotecas nacionais do Brasil e da Itália

Desse montante, um primeiro dado emerge e parece confirmar que países periféricos, com culturas em formação ou mais recentes tendem a importar mais textos traduzidos. Quando o sistema é “jovem”, observa Even-Zohar, seu repertório pode ser limitado, o que lhe dá maior disposição para usar outros sistemas disponíveis (por exemplo, outras línguas, culturas, literaturas). Quando é “velho”, pode ter adquirido um repertório rico, de modo que em períodos de mudança tentará com mais probabilidade usar métodos de reciclagem. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 38).

35

3. Brasil-Itália: paralelismo em tradução literária?

O Brasil traduz da Itália quatro vezes o que a Itália traduz do Brasil, o que nos revela uma primeira assimetria e confirma a teoria de Even-Zohar. Se tomarmos apenas as obras literárias brasileiras traduzidas na Itália e as obras literárias italianas traduzidas no Brasil, teremos o seguinte resultado:

Mapeamento das publicações brasileiras na Itália 1977-2007

Número de publicações	401
Número de autores publicados	59

Ano em que mais se traduziu	1999
Média de páginas por livro	250,9
Autor mais traduzido	Jorge Amado
Obra mais traduzida	O Alquimista

Mapeamento das publicações italianas no Brasil 1977-2007

Número de publicações	683
Número de autores publicados	228
Ano em que mais se traduziu	2001
Média de páginas por livro	245,2
Autor mais traduzido	Italo Calvino
Obra mais traduzida	<i>La Divina Commedia</i>

36

Ainda considerando somente a categoria “literatura”, chegamos aos dez autores brasileiros mais traduzidos na Itália e aos dez autores italianos mais traduzidos no Brasil, conforme apontam os dados a seguir:

Tabela quantitativa por autor brasileiro na Itália (1977-2007)

Autor	Total de publicações	Obras traduzidas
Jorge Amado	106	30
Paulo Coelho	86	15
Clarice Lispector	20	13
Guimarães Rosa	17	08
Frei Betto	12	11
Machado de Assis	10	08

Rubem Fonseca	9	07
Drummond de Andrade	9	08
Zélia Gattai	7	05
Moacyr Scliar	6	05

Tabela quantitativa por autor italiano no Brasil (1977-2007)

Autor	Nº de publicações	Nº de obras traduzidas
Italo Calvino	113	23
Umberto Eco	41	15
Dante Alighieri	32	04
Carlo Ginzburg	22	07
Alberto Moravia	17	14
Luigi Pirandello	15	12
Andrea Camilleri	13	12
Dino Buzzati	12	07
Leonardo Sciascia	11	08
Antonio Tabucchi	11	11

De acordo com Even-Zohar (2013, p. 32), dentro do universo de traduções a Instituição terá papel relevante, pois com ela poderemos entender como determinados textos e modelos literários são publicados e/ou perpetuados. A Instituição pode ter cunho político, social, cultural, econômico e é capaz de englobar mais do que um viés, pois se o sistema literário se comunica com outros sistemas, é natural que sofra interferências de variados sistemas externos. Para Even-Zohar, uma parcela crítica que engloba parte dos produtores também pode ser considerada Instituição em alguns momentos. São caracterizadas pelas editoras, periódicos, grupos de escritores, clubes e corporações governamentais tais como academias e gabinetes ministeriais. Ainda que não seja possível traçar um caminho sobre o papel e a posição da literatura traduzida, Even-Zohar questiona se esta poderia ser considerada um sistema literário específico com o mesmo tipo de rede e relações culturais e verbais da literatura em si. E ainda, como poderíamos perceber as relações existentes entre obras que não estão mais em seu contexto original, sendo-nos apresentadas de forma, muitas

vezes, neutralizada? Como essas obras disputam seu lugar no núcleo? Sobre estas questões, Even-Zohar identifica inicialmente dois tipos de relações: a forma com que os textos-fonte são escolhidos pela literatura-alvo e a forma como a literatura-alvo define o processo de tradução. Grosso modo, o que se traduz e como se traduz, respectivamente. Partindo disso, o pesquisador assume a literatura traduzida como um sistema integral dentro de um polissistema, mas não somente: um sistema consideravelmente ativo dentro dele e com o qual fará inúmeras inferências. O essencial, nesses casos, é ter a força inovadora que só as obras que chegam ao núcleo conseguem ter. Um polissistema se relaciona com inúmeros outros sistemas e polissistemas (políticos, sociais etc.). Apesar de algumas conjecturas esclarecerem como a literatura traduzida chega dentro do polissistema literário, Even-Zohar pondera que não é possível afirmar sua posição exata. Com efeito, cada polissistema é estruturado de uma forma diferente, ainda que alguns coincidam aparentemente. Para Even-Zohar é imprescindível pensarmos na responsabilidade que carregam as traduções quando inseridas em determinado sistema literário. As funções desempenhadas por elas podem ajudar a abrir ou fechar uma cultura. Se uma obra estrangeira conquista posição privilegiada no núcleo do sistema, está em condições de escolher como fazer tal tradução: optando por procurar entre os modelos da literatura nacional do país-alvo ou desafiando-o. No primeiro caso, perde-se a oportunidade rara de oferecer aos leitores da língua de chegada uma visão do que o pesquisador considera “relações textuais dominantes no original”. Quase sempre quem dita as regras de como deve ser feita a tradução é o país-alvo, se o mesmo possuir um núcleo já estabilizado de modelos, bem como uma literatura periférica consolidada. Há um constante movimento de luta por espaço no núcleo de um sistema, mas a liberdade de escolha na tradução também será um fator pleiteado. Even-Zohar, todavia, acredita que a abertura dos sistemas às traduções aproxima as literaturas e colabora para que questões por muito tempo discutidas nos Estudos da Tradução, tais quais equivalência e adequação, sejam aprimoradas. Um sistema está sempre dialogando com outro, tornam-se dependentes. Contudo, há um modo, segundo Even-Zohar, de um sistema sociocultural manter-se sem a necessidade de interferência: a heterogeneidade. Um sistema consegue sobreviver mais tempo sem intersecção alguma construindo regularmente um inventário próprio de escolhas que lhe permita considerável reserva. Mas como o movimento do Brasil e da Itália se conduziu dentro do período abordado em nossa pesquisa?

4. Literatura brasileira traduzida na Itália

Para melhor compreender a questão, procuramos nos basear, para o caso da literatura brasileira na Itália, além dos dados levantados, em duas histórias literárias: *Breve Storia della letteratura brasiliana* (2005), de Luciana Stegagno Picchio e *Letteratura brasiliana* (1993), de Antonio Olinto. É necessário esclarecer que o ranking apresentado segue a metodologia do *Index Translationum*, que considera os autores mais publicados em cada ano do período escolhido, não representando o número de tiragens e vendas anuais. A escolha foi feita considerando o período do *corpus* estudado.

Iniciemos, contudo, nosso caminho pelas histórias literárias com o autor brasileiro mais traduzido na Itália: Jorge Amado. Olinto dedica ao escritor baiano posição especial, dividindo suas obras por fases e contextualizando-as no período histórico em que foram escritas ou publicadas. De fato, para Olinto, Amado será o maior fenômeno literário do Brasil, com romances dignos de elegê-lo intérprete da mestiçagem cultural brasileira (OLINTO, 1993, p. 67). Picchio, no que lhe concerne, apresenta Amado ao leitor italiano relacionando-o com sua ideologia e com o cenário baiano presente na maioria das obras do autor (PICCHIO, 2005, p. 114). A primeira tradução de Jorge Amado na Itália ocorreu em 1949 e, efetivamente, Amado será um dos escritores brasileiros mais traduzidos na Itália nas décadas seguintes (TORQUATO, 2007, p. 386), pois as editoras, no período do pós-guerra, sem as amarras do Fascismo, recuperavam sua independência. As principais obras de Jorge Amado foram amplamente traduzidas na Itália, contudo duas se destacam: *Dona Flor e i suoi due mariti* e *Gabriella, garofano e cannella*. Os romances, da última fase de Amado, foram publicados pela primeira vez na península em 1977 e 1979, respectivamente. Até o limite temporal do *corpus* desta pesquisa, foram republicados 11 vezes cada um. São duas obras que, como destaca Picchio, retratam o Brasil e a Bahia como um conjunto de sentidos que culmina em uma espécie de ode aos sete pecados capitais. Assim, em *Dona Flor e i suoi due mariti* e *Gabriella, garofano e cannella*, pecados como a gula e a luxúria transformam-se quase em virtudes. As duas obras transferem o leitor italiano a lugares, sentidos, odores e sensações carregados de brasilidade. A imagem do Brasil e da Bahia toma uma dimensão intrigante aos olhos do estrangeiro através de sua fauna e flora, dos seus costumes, festas típicas, de sua pluralidade religiosa. De fato, o leitor italiano, cuja ligação com o cristianismo e a Igreja Católica é evidente, tem a possibilidade de enriquecimento religioso/cultural que seria improvável em romances que retratassem uma situação análoga à italiana, ou até mesmo europeia.

Ocupando a segunda posição no ranking de autores brasileiros traduzidos na Itália, temos Paulo Coelho. Antônio Olinto, seu colega na Academia Brasileira de Letras, não o menciona em sua história literária, que data de 1993, ainda que esta aborde nomes contemporâneos como o de Gilberto Dimenstein. Já a história literária de Stegagno Picchio menciona Coelho como um caso à parte. Ao dedicar-lhe nove linhas, esclarece que é hoje escritor brasileiro mais lido e exportado (PICCHIO, 2005, p. 152). A difusão da obra de Coelho na Itália iniciou-se com *L'alchimista* (1995), sua obra mais publicada, sendo republicada em cada ano (com exceção de 2006, ano em que outras obras do autor ganhavam destaque). No ano seguinte, o livro *Sulla sponda del fiume Piedra mi sono seduta ed ho pianto* (1996) cresceu na preferência do público, ainda inebriado pelo lançamento anterior. E neste *looping*, ano após ano, o repertório místico de Coelho figurará entre os livros de maior sucesso na Itália e também no mundo, totalizando mais de 150 milhões de cópias vendidas. Embora Coelho e Amado representem dois terços do total de obras brasileiras publicadas na Itália, há outros grandes nomes ilustrando o elenco dos 10 autores brasileiros mais traduzidos na península.

40

Longe de Amado e Coelho em número de publicações, porém muito próxima à crítica e empatia italiana está Clarice Lispector. Com vinte publicações no arco destas três décadas de *corpus*, Lispector possui 13 livros traduzidos ao italiano. Dentre eles, destaca-se *Laços de família* (1960), ou *Legami familiari* (1986) na Itália. Sua obra, de fato, fora legitimada em território italiano seja pela crítica, seja pelo setor editorial, culminando no respeito e interesse dos leitores. Seu reconhecimento levou a editora Feltrinelli a dedicar-lhe em 2013 uma antologia com o intuito de reunir “o mundo de Clarice”. Para Stegagno Picchio (2005), Clarice surge nas letras brasileiras quando essas se mostravam cheias de sol, de trópico e de folclore e marcando uma escrita mais direta e fina. Olinto (1993, p. 90) a destaca como não é possível rotular uma escritora como Lispector, cuja busca literária faz-se heterogênea e inovadora.

Quarto autor brasileiro mais publicado na Itália, Guimarães Rosa trará o universo do sertão para suas histórias e, assim como em Jorge Amado, suscitará o interesse do leitor italiano pela temática. Dentre os autores brasileiros na história literária de Olinto, é um dos que recebe maior destaque, seja pelas questões linguísticas, seja pelo argumento, um amálgama do qual emerge uma geografia plural, ainda que inexplorada, e a liberdade da palavra, primitiva. O pesquisador reitera que o legado de Guimarães Rosa representa um passo gigantesco na luta para incorporar um idioma e uma geografia brasileiros à sua própria

literatura (OLINTO, 1993 p. 80). Stegagno Picchio afirma, sobre *Grande sertão: veredas*, ser “o livro mais importante da prosa brasileira no nosso século e a sua perfeita realização linguística”¹ (2012, p. 116). De fato, traduzir uma obra desta magnitude e peculiaridade exige mais do que mero conhecimento linguístico, fazendo-se primordial o contato entre o autor e seu tradutor, atitude que Guimarães Rosa cultivou durante toda a sua trajetória e que culminou no aprimoramento de suas traduções (vide suas correspondências com o tradutor Edoardo Bizzari).

Outro grande nome da literatura brasileira traduzida na Itália é Machado de Assis. Analisando, todavia, o número de traduções do autor no período de trinta anos de nosso *corpus*, percebe-se uma discrepância entre a relevância e contribuição de Machado para a literatura e sua devida divulgação na Itália. É preciso, contudo, ressaltar que nos tempos mais recentes (posteriores ao período de nosso *corpus*), a obra de Machado vem sendo traduzida consideravelmente na Itália através de editoras menores e fora do núcleo editorial dominante, mas interessadas em escritores diferentes. Stegagno Picchio refere-se ao autor como o maior escritor brasileiro e eleva o romance e o conto machadiano. Efetivamente, a obra de Machado é digna de reconhecimento e o fato de pertencer a um sistema literário em formação não o auxiliou no seu lançamento internacional.

Quase um século depois, em proposta totalmente distinta, encontramos Rubem Fonseca entre os dez autores brasileiros mais publicados em italiano. De fato, Fonseca colaborará com a própria literatura nacional apresentando, já no início dos anos sessenta, uma realidade urbana e crua, diferente do universo regionalista evidenciado pelos grandes expoentes daquele período. Foi um divisor de águas em termos realísticos na literatura brasileira, diferindo-se do realismo machadiano, do realismo agreste e do realismo fantástico, indo além de estilo e forma, apresentando os fatos sem conotação de denúncia, mas de observação.

Em meados nos anos oitenta, a poesia brasileira se faz presente na Itália com Drummond de Andrade. Com efeito, dentre suas obras em italiano apenas quatro estão ligadas à prosa. Stegagno Picchio (2012, p. 126) reitera que o autor preferiria, de fato, ser lembrado como poeta, mas não seria razoável dispensar sua significativa produção enquanto narrador e cronista. Olinto, quase como Stegagno Picchio, concede pouquíssimo espaço a Drummond em sua história literária, ainda que o mencione em todos os segmentos literários em que atuou. À parte a realidade de que a poesia, de um modo geral, não está inserida no meio comercial mais atuante do mercado, é necessário lembrar que a Itália possui poetas

canonizados em sua própria pátria aos quais seus cidadãos são extremamente ligados desde a pré-escola até à universidade, fato que diminui a recepção de novos poetas em seu sistema (principalmente se provenientes de países cujo sistema literário está em formação ou é muito jovem).

A próxima autora a figurar no contexto italiano é Zélia Gattai. Com exceção de *Crônica de uma namorada* (1995), todo o restante de sua obra traduzida na Itália no período pesquisado refere-se às memórias da autora, desde sua infância com a família de imigrantes italianos, até sua juventude e vida junto ao marido Jorge Amado. Olinto citará brevemente Gattai como um dos nomes ativos na produção de literatura infanto-juvenil e, *en passant*, de memória.

Outro escritor da lista do *Index* é Moacyr Scliar. Sua literatura transitará por diferentes campos: romances, contos, ensaios, crônicas e vasta produção infanto-juvenil. Na Itália, contudo, a tradução de Scliar focará exclusivamente nos seus romances e a jovem editora Volland, com sede em Roma, será a responsável pela introdução de Scliar em terras italianas. Percebemos que, como prevê Even-Zohar na teoria dos polissistemas, editoras periféricas tendem a receber com mais ousadia autores também periféricos, mas que possuem grande carga inovativa, ao contrário das grandes companhias, que não arriscam literaturas consideradas menores ou repertórios inexplorados.

Assim como Scliar, outro nome destacado na lista do *Index* é o de Frei Betto. Frade dominicano, é referência mundial no que concerne à Teologia da libertação e ao seu engajamento político e social. Ainda que possua ideologia e temática similares à de Leonardo Boff, que fora classificado pelo *Index* como escritor de Teologia e religião, Frei Betto figura na categoria Literatura. *Batismo de sangue* (1985), vencedora do prêmio Jabuti, é sua obra mais conhecida na Itália, onde o autor é constantemente convidado para eventos de toda ordem, mas que, particularmente, abordem a questão social contemporânea em suas diversas especificidades. Sua obra, talvez por ser demasiadamente recente ou porque poderia estar classificada em outra categoria (Teologia, Ciências sociais), não comparece nas histórias literárias de Stegagno Picchio e de Olinto.

5. Literatura italiana traduzida no Brasil

Após esta breve descrição dos dez autores brasileiros mais traduzidos na Itália, passemos às obras italianas traduzidas no Brasil entre 1977 e 2007. Dentre todos os autores italianos traduzidos no Brasil, apenas Dante Alighieri e Luigi Pirandello não nasceram no

século XX, o que torna o núcleo da literatura italiana traduzida no país extremamente jovem. A Itália, sabemos, possui uma intensa e grandiosa produção que atravessa os séculos, com escritores que marcaram o cânone ocidental, como Dante, Petrarca, Boccaccio, só para ficarmos na famosa tríade. Para analisarmos a presença dos dez autores mais traduzidos, também nos valem de duas histórias literárias: *Literatura Italiana*, de 1989, organizada por Giorgio Barberi Squarotti e *História da Literatura Italiana*, de 1963, de Rosario Tosto. Ambas são traduções de obras italianas, contudo, focadas no leitor brasileiro.

O primeiro nome que emerge do *Index* é o de Italo Calvino. Embora não seja mencionado na história literária de Tosto, por ser esta mais antiga do que o exórdio de Calvino, a história de Squarotti, contemporânea à sua maturidade artística, introduziu-o brevemente entre os maiores escritores italianos. A obra de Calvino fora (e ainda é) tão publicada no Brasil que o escritor, sozinho, representa mais de um terço de toda a literatura italiana traduzida no país. Sua trajetória no Brasil aponta obras que dividem harmoniosamente a atenção do leitor. *As cidades invisíveis* constitui o primeiro título de Calvino publicado pela Companhia das Letras, editora que em pouco tempo abraçou toda a sua obra. Tal fato leva-nos à reflexão: seria Calvino um autor abundantemente traduzido no Brasil devido à legitimação de uma grande instituição ou teria tido o mesmo alcance se traduzido por uma editora periférica?

O segundo autor italiano mais traduzido no Brasil, apesar de deter um estilo de escrita bastante diferente de Calvino, assemelha-se a ele no que concerne à posição dentro do sistema editorial e de mercado, assim como pelo *status* de autor universal: Umberto Eco. Embora Eco seja mundialmente conhecido, não consta das histórias literárias de Tosto e de Squarotti pelo simples fato de serem anteriores ao lançamento de suas obras (aqui considerada a literatura). *Il nome della rosa* (1980) foi publicado pouco antes de seus cinquenta anos e, novamente, como é comum acontecer, desencadeou uma produção até então dormente. A publicação de Eco durante os anos de 1977 a 2007 não será tão homogênea quanto a de Calvino, cuja obra fora traduzida quase toda a partir de uma antologia. Eco, todavia, está longe de ser reconhecido apenas por uma obra. Ao contrário, sua obra mais conhecida garantiu-lhe a visibilidade necessária à legitimação das obras futuras. Ainda que *O nome da Rosa* se sobressaia perante as demais publicações de Eco no Brasil é preciso que se leve em conta a pluralidade de obras surgidas após o lançamento de seu primeiro romance. Trata-se da validação do repertório de que fala Even-Zohar (2013, p. 38) e que pode ou não ocorrer, de acordo com a situação em que se encontra o sistema literário de cada país. Neste caso específico, o Brasil encontrava-se

aberto a tal condição, assim como muitas outras nações que viram em *O nome da Rosa* o fator inovação ausente em seus sistemas e que culminou em um modelo/repertório novo. Para Even-Zohar, contudo, para que um repertório seja mantido, é preciso assegurar que o mesmo seja consumido. É o estágio em que atuam outras instituições além daquela editorial, tais como a mídia e a crítica, que a cada nova obra de Eco levam ao público a apreciação que garantirá a visibilidade necessária para a manutenção do repertório no centro do sistema.

44

O terceiro autor italiano mais traduzido no Brasil é “il sommo poeta”: Dante Alighieri. O nome maior em toda a literatura italiana e referência essencial na literatura mundial comparece em ambas as histórias literárias que circularam no Brasil. Não poderia ser diferente, dadas a grandiosidade de sua obra e a sua posição no cânone literário ocidental. As histórias literárias escolhidas dedicarão a Dante maior espaço do que a outros escritores abordados. Tosto aborda o poeta trazendo ao ponto sua relação direta com a Idade Média e seus aspectos biográficos anteriores e contemporâneos à escrita de suas obras. Squarotti trata das particularidades do *Duecento* através das primeiras experiências literárias em toda a península, privilegiando a escola siciliana e a toscana. Somente após tal aproximação, introduz Dante e sua magnífica contribuição literária, desde as *Rime* e *Vita Nuova*, passando pelo *Convivio* e a *Monarchia*, as epístolas, até chegar à *magnum opus*: a *Commedia*. A *Divina Comédia* representa cerca de 80% de todas as suas traduções no Brasil, sob as mais distintas propostas: volume único, três volumes (conforme os cantos), com texto lírico ou em prosa, com ou sem ilustrações. Ao contrário da produção de Calvino e Eco, cuja recepção no Brasil é plural, Dante é conhecido, particularmente, pela *Divina Comédia*, havendo uma discrepância considerável de publicações desta em relação às demais composições. Tamanha proeminência pode ser explicada se considerarmos a temática presente na *Divina Comédia*, que, apesar de ter sido escrita há sete séculos, ainda permanece atual, conservando a carga inovativa de que fala Even-Zohar.

Quarto autor italiano mais traduzido no Brasil, Carlo Ginzburg provém de uma família de grandes literatos e ativistas: Leone Ginzburg e Natalia Ginzburg. Para Carlo Ginzburg, ter nascido em uma família de intelectuais representou um verdadeiro privilégio cultural. De fato, a criação em meio à atividade literária da mãe e o gosto pelas artes o aproximaram cada vez mais da História, conquistando o autor e fazendo dele um dos historiadores mais conhecidos em todo o mundo. Dessa ligação, surgirá sua obra mais traduzida no Brasil: *O queijo e os vermes* (1987). As obras do autor traduzidas no Brasil privilegiarão a temática ligada à *Stregoneria* (bruxaria), seja através do sabá, do culto ou dos rituais, porém sempre

particularizando o indivíduo por trás dessas práticas. A Companhia das Letras publicou Ginzburg quando ele já havia sido publicado por uma grande editora italiana, a Einaudi. A exemplo de Eco, Ginzburg tornar-se-á conhecido no Brasil por uma obra em particular, sendo as seguintes automaticamente legitimadas. Todavia, resulta-nos evidente que a inovação de Ginzburg é dupla: aconteceu seja pelo modo em que propõe a história por outro viés (criando a micro-história), seja por meio da transposição da (micro) História nos caminhos da prosa literária.

Outro nome do *Novecento* italiano traduzido no Brasil é Alberto Moravia. A história literária de Squarotti (1989, p. 525) o apresentará como o exemplo mais violento de redução ensaística de narrativa, retratando o autor romano como um importante observador crítico da burguesia da Itália fascista por narrar seus vícios e sordidez em um realismo provocatório e irreduzível. Embora Moravia seja lembrado por toda a sua contribuição literária, é seu primeiro e grande romance *Gli indifferenti* (1929) a obter maior destaque nas análises críticas e nas histórias literárias, justamente por abordar a questão da indiferença de modo inovador. Moravia, antifascista, cuja crítica à imposição da “moral e bons costumes” pode ser constatada em suas obras, certamente não compunha o rol de autores desejados (ao menos, pelo governo) em território nacional nos anos de ferro. Ainda que Moravia não configurasse o ideal de escritor para o regime ditatorial no Brasil, a partir da década de 80 a censura não está tão rigorosa, o que permite que suas obras (assim como a de outros autores considerados subversivos, como Pasolini) comecem a circular no Brasil. A tradução da obra de Moravia abraçará todas as suas fases de escritura, gerando um retrato plural do autor no Brasil. Assim como os escritores italianos analisados até aqui (à exceção de Dante Alighieri), o retrato da literatura traduzida de Moravia segue primando mais pelo repertório do que por uma obra em sua singularidade.

A literatura italiana traduzida no Brasil para o período pesquisado seguirá focada na narrativa, ainda que abordando diferentes aspectos da mesma, conforme atesta a produção de Luigi Pirandello, próximo autor da lista do *Index*. O autor siciliano recebe grande destaque por parte da história literária organizada por Squarotti, que o apresenta ao leitor brasileiro como um grande nome da narrativa e da dramaturgia italiana. Com efeito, em Squarotti, o crítico Rinaldi delineará todas as fases da produção pirandelliana e suas particularidades estilísticas, seguindo, ainda que despropositadamente, a trajetória do autor no Brasil através das traduções. Há uma grande diversidade de obras pirandellianas traduzidas em português brasileiro, contudo *Seis personagens à procura de autor* (1977) é a mais traduzida. A

composição, considerada referência em dramaturgia por representar “o teatro no teatro” é, de fato, não só a obra prima de Pirandello, como a obra mais inovadora do autor. As composições de Pirandello mostram-se aceitas no Brasil em sua pluralidade, divididas entre contos, romances e dramas teatrais.

O sétimo autor do *Index* é Andrea Camilleri, cuja obra abrange um gênero bastante diferente dos vistos até o momento: a narrativa policial. Andrea Camilleri, embora possua grande afinidade com o trabalho de Pirandello, retrata o universo siciliano por outra abordagem. De fato, se Pirandello opta por não transferir o dialeto siciliano para suas narrativas, Camilleri faz questão de mantê-lo, não imaginando sua produção sem a singularidade e o timbre da ilha. Camilleri estreia na literatura após seus cinquenta anos (tal como outros autores aqui citados: Eco, Gattai), tendo antes se dedicado a diferentes atividades. Contudo, a produção de Camilleri se consagrará fora da Itália somente com o primeiro romance policial protagonizado pelo seu emblemático personagem (que o seguirá nas obras subsequentes): o Comissário Salvo Montalbano. Dentre as treze obras de Camilleri publicadas no Brasil no período estudado, dez são protagonizadas pelo Comissário Montalbano em nove diferentes histórias.

46

Duas décadas mais velho do que Camilleri, Dino Buzzati será o oitavo escritor italiano mais traduzido no Brasil. Além de escritor, Buzzati destacou-se também no jornalismo, na pintura e na dramaturgia. Redigir textos de jornal já adiantava a vocação de Buzzati em transformar fatos da vida cotidiana em episódios dotados de atmosfera fantástica. Tal característica estará presente em muitas de suas obras traduzidas no Brasil, que se dividem entre romances, contos, memórias e parábolas. Com efeito, *Il deserto dei tartari*, enquanto produção marginal, ainda não legitimada, situava-se em um estrato baixo do sistema e, assim, fora publicada pela Rizzoli (uma editora não tão pequena, porém distante da dimensão mondadoriana); uma vez obtido sucesso de crítica e de vendas, fora cotada pela Mondadori, emergindo entre os estratos. No mercado editorial, usuais negociações proporcionam grande dinâmica no sistema literário e, conseqüentemente, na literatura traduzida. De fato, uma vez publicada por uma grande editora, a obra em questão potencializa seu alcance e suas possibilidades de tradução. É um livro que se diferencia, em sua estrutura, do romance corrente: não apresenta com clareza sua configuração no tempo e tampouco no mapa. De fato, Buzzati possui uma narrativa bastante plural, indo do lúdico ao complexo, apresentando um repertório diverso, conforme mostram suas traduções no Brasil. As histórias literárias aqui usadas abordam o escritor de Belluno de maneira pífia (Squarotti) ou nula (Tosto).

Terceiro autor siciliano entre os dez autores italianos traduzidos no Brasil, Leonardo Sciascia, assim como o conterrâneo Camilleri, trabalhará a narrativa investigativa, indo, porém, além: buscará observar a conjuntura político-social presente em torno ao delito, característica não explorada no policial tradicional. Rinaldi, na história literária organizada por Squarotti, denomina sua escritura inicial de “quase sociológica” (RINALDI, 1989, p. 564). A Sicília será retratada por Sciascia em seus círculos de poder, abordando não só a máfia, como também outras instituições, estas lícitas, onde a corrupção e as falsas aparências (inspiração pirandelliana) pareciam imperar. Assim, despontam seus dois maiores romances de denúncia relacionados à máfia siciliana: *Il giorno della civetta* (1961) e *A ciascuno il suo* (1966). Noventa por cento das publicações de Sciascia são romances, com exceção de *O mar cor de vinho* (2001), uma coletânea de contos. Dentre todos os autores presentes no núcleo da literatura italiana traduzida no Brasil, o pisano Antônio Tabucchi é aquele que apresenta maior variedade de publicações. Apesar de ter havido um grande incremento das publicações do autor no Brasil nos últimos anos (somente através da editora Cosac & Naify foram quatro publicações em cinco anos, entre 2010 e 2015), não nos cabe contabilizá-las, já que fogem do nosso recorte temporal. Entre todos os autores presentes no núcleo da literatura italiana traduzida no Brasil, Tabucchi é também o mais jovem. Tal fato, atrelado à composição de seus principais romances somente nas décadas de oitenta e noventa, explica a chegada do autor ao mercado brasileiro somente a partir de 1990. O intervalo médio entre o lançamento de seus livros na Itália e no Brasil era de quatro anos e meio, porém, a partir do momento em que é publicado na Itália *Sostiene Pereira* (1994), o intervalo médio entre publicação e tradução é reduzido para pouco mais de um ano. A recepção de *Sostiene Pereira* foi tão bem-sucedida que o mercado editorial apressou-se em encomendar as traduções e, após esta obra em especial, seus livros posteriores chegaram mais rapidamente ao mercado estrangeiro. Efetivamente, segundo um levantamento feito pela Feltrinelli, uma de suas principais editoras, hoje Tabucchi é traduzido em cerca de quarenta línguas, somando as faladas na Europa e Américas, mas também é traduzido em japonês, mandarim, hebraico, árabe, curdo e hindi. De fato, sua produção é muito abordada em âmbito literário, mas não só: ultrapassa os confins da literatura, levando sua contribuição aos campos da linguística e da história.

47

Conclusão

Iniciamos o artigo apresentando o levantamento das obras presentes nas nove categorias do *Index Translationum*. O mapeamento das traduções pelo *Index* apontou-nos a

diferença quantitativa entre as obras italianas publicadas no Brasil e as obras brasileiras publicadas na Itália, ou seja, traduzimos quatro vezes mais, circunstância que nos leva a refletir sobre a marginalidade de nosso sistema literário perante o italiano dentro de um megapolissistema global. Tal fato confirma, ao menos parcialmente, a hipótese de Even-Zohar, de que quando um sistema é jovem, importa conhecimento de sistemas mais consolidados, da mesma forma em que é traduzido em menor escala nos mesmos países. Na sequência, apresentamos brevemente o perfil dos autores e obras da literatura italiana traduzida no Brasil e da literatura brasileira traduzida na Itália durante as três décadas. Para tanto, valemo-nos dos dez autores mais traduzidos em cada país. No que tange ao núcleo da literatura italiana traduzida no Brasil, é possível constatar a predominância de publicações do século XX. De fato, o centro do *corpus* possui apenas um autor cuja obra tenha sido escrita em tempos mais remotos: Dante Alighieri. Além do poeta florentino, o único autor presente no elenco nascido antes de 1900 é Luigi Pirandello, todavia, suas traduções entre 1977 e 2007 no Brasil compreendem somente obras surgidas a partir de 1911. Dentro do século XX, outro fato pertinente: as produções italianas concentram-se na segunda metade do século. Desencadeada, particularmente, no pós-guerra, a narrativa italiana recupera seu discurso com a liberdade tolhida em tempos fascistas. O núcleo da produção literária italiana traduzida no Brasil parece justapor-se ao “breve século XX”, sintetizado em meio a conjunturas globais que o tornam passageiro, com início em 1914 e fim em 1991. Aproximadamente um terço do cânone da literatura italiana traduzida no Brasil encontra-se dentro dessa delimitação temporal. Efetivamente, o percentual de fora desse recorte corresponde massivamente à produção dantesca, concentrada no século XIV. O mesmo pode ser conferido no que concerne ao elenco de obras brasileiras traduzidas na Itália: cerca de 70% da produção literária foi publicada originalmente entre 1914 e 1991. No entanto, diferentemente do início de século previsto pelo historiador britânico, as obras perfazem a primeira metade do século timidamente, transpondo-se em direção à sua conclusão. Quanto ao gênero textual, prevalece o romance, seja ele de memórias, psicológico, historiográfico ou policial. Pelo menos metade dos autores foram também ensaístas, tendo se destacado, cada um deles em campos como o jornalismo, a semiótica e a filosofia. A dramaturgia e a poesia também estão presentes, principalmente através dos autores mais antigos do *corpus*: Luigi Pirandello e Dante Alighieri, respectivamente. Outra observação diz respeito à identidade político-ideológica dos autores italianos: quase todos com orientação à esquerda. Dentre eles aqueles ligados em algum momento ao comunismo como Sciascia, Calvino, Camilleri e Ginzburg e outros com

menos proximidade como Moravia, Tabucchi e Eco. Luigi Pirandello demonstrou inclinações de direita e ligações com o fascismo. Dante Alighieri, na posição de “guelfo branco”, aproximava-se da direita menos conservadora da Firenze da baixa idade média. Há também autores cuja ideologia permanece incógnita para os críticos, a exemplo de Buzzati. Um fato incontestável é, contudo, a ausência feminina nesse elenco. Nomes celebrados como Grazia Deledda, Alda Merini e Oriana Fallaci não atingem o cerne da literatura traduzida no Brasil, tampouco escritoras contemporâneas com visibilidade comercial como Margaret Mazzantini e Susanna Tamaro. Além de serem todos do sexo masculino, os autores que compõem o núcleo da literatura italiana no Brasil são todos brancos, a maioria bem-nascida (embora alguns tenham encontrado adversidades econômicas durante a vida) e instruídos. Passando ao núcleo da literatura brasileira traduzida na Itália, verificamos dois nomes femininos: Clarice Lispector e Zélia Gattai. Entretanto, algumas características são similares ao *corpus* italiano, como por exemplo, a predileção pelo romance. Dentre os nomes brasileiros, há dois que se destacam pela brasilidade em suas obras como Jorge Amado e João Guimarães Rosa. Outros retratam o Brasil sob uma ótica diversa como Rubem Fonseca e seu Rio de Janeiro subversivo. Há também os livros de Paulo Coelho, que transpassam continentes com uma grande aceitação do leitor, que se sente representado, não importando em que continente esteja. Assim como o núcleo italiano, as obras desta lista concentram-se no século XX. Dentre os brasileiros, uma parte considerável dos autores deste elenco possuía orientação de esquerda como Frei Betto, Jorge Amado, Moacyr Scliar, Zélia Gattai. Em tempos recentes, ainda que tal inclinação não permeie sua obra, Paulo Coelho tem dado demonstrações de aproximação com a esquerda brasileira. Em uma esfera menos envolvida publicamente temos Clarice Lispector e equilibrados Guimarães Rosa, Machado de Assis e Rubem Fonseca. Não podemos deixar de ressaltar, dentre as confluências que unem os dois corpora, que quase todos os autores brasileiros são brancos, bem-nascidos e instruídos, salvo algumas exceções. Ao longo do trabalho, pudemos verificar certo paralelismo literário, ao menos no que tange ao perfil dos autores dos dois países pesquisados, assim como em suas literaturas, de cunho narrativo romancista, na maioria dos casos. De todo modo, o mapeamento, que conta com 2.565 publicações (se considerarmos os diferentes tradutores, editores e anos de publicação) confirmou-se um significativo aporte que pode auxiliar futuras pesquisas sobre a literatura brasileira na Itália e sobre a literatura italiana no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Traduzido por: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. **Revista Translatio**, Porto Alegre, 4, p. 2-21, 2013a. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez%20/works/papers/trabajos/Portugues/Even-Zohar_2013--Teoria%20dos%20polissistemas.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

_____. **Papers in Culture Research**. Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University, 2010. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.477.787&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.

_____. Polysystem Studies. In: **Poetics Today**, v. 11, n. 1, Durham, Duke University Press, 1990. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<https://www.bn.br/>>.

GUERINI, Andréia. **La traduzione in Brasile negli ultimi trent'anni**. Breve storia e tendenze. 2003. Disponível em: <http://www.intralinea.org/archive/article/La_traduzione_in_Brasile>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

50

INDEX TRANSLATIONUM. Disponível em: <<http://www.unesco.org/xtrans/>>.

OLINTO, Antonio. **Letteratura brasiliana**. Milano: Jaca Book, 1993.

PONT, Stella Rivello da Silva dal. **Cânone em tradução: três décadas de conexões literárias entre Brasil e Itália (1977-2007)**. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Stella_Rivello_da_Silva_-_Tese.pdf>.

RINALDI, Rinaldo. O Novecento. In: SQUAROTTI, Giorgio B. (Org.). **Literatura Italiana**. Traduzido por: Nilson Carlos Moulin Louzada, Maria Betânia Amoroso e Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Nova Stella, 1989. p. 471-601.

SERVIZIO BIBLIOTECARIO NAZIONALE. Disponível em: <<http://www.sbn.it/>>.

SQUAROTTI, Giorgio B. (Org.). **Literatura Italiana**. Traduzido por: Nilson Carlos Moulin Louzada, Maria Betânia Amoroso e Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Nova Stella, 1989.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **Breve storia della letteratura brasiliana**. Genova: Il melangolo, 2005.

TORQUATO, Carolina Pizzolo. Breve estudo sobre a literatura brasileira na Itália: traduções entre 1882 e 1996. In: **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Florianópolis, v. 33, dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8693/8022>>. Acesso em: 8 de outubro de 2016.

TOSTO, Rosario. **História da Literatura Italiana**. Vols.1, 2 e 3. Petrópolis: Vozes, 1962/1963.

RECEBIDO EM: 23 de agosto de 2017

ACEITO EM: 18 de outubro de 2017

PUBLICADO EM: novembro de 2017

* Stella Rivello da Silva DAL PONT. Técnica em assuntos educacionais no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Doutora (2017) e mestre (2007) em Estudos da Tradução e licenciada em Língua e Literatura Italiana (2001) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542356811672371> E-mail: stellarivello@gmail.com

** Andréia GUERINI. Professora associada 4 do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Literatura (2001) e graduada em Letras (1988) pela mesma universidade. Foi coordenadora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) nas gestões 2010-2013 e 2013-2016. Desde 2002, é editora-chefe da revista *Cadernos de Tradução* (A1) e a partir de 2011, da revista online *Appunti Leopardiani* (B2). É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1962473391601725> E-mail: andrea.guerini@gmail.com

¹ “Il libro più importante della prosa brasiliana nel nostro secolo e la sua perfetta realizzazione linguistica” (Quando não indicadas as traduções são de nossa autoria).